



## A telenovela como fonte histórica: Janete Clair e a abordagem política nas tramas *Irmãos Coragem* e *Fogo sobre terra*<sup>1</sup>

GALVÃO, Gabriela Silva. Mestranda em História e Culturas Políticas<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais

**Resumo:** O presente trabalho visa focar na temática política nas telenovelas *Irmãos Coragem* e *Fogo sobre Terra* da autora Janete Clair, segundo o contexto político, econômico e social no qual as tramas estão inseridas. Sendo assim, é possível identificar a maneira como o ideário da contestação do sistema político vigente entre os anos de 1970 e 1975 se deu e alterou o tratamento e o entendimento da abordagem política presente nas obras. É necessário percebermos que, embora pouco estudada pela historiografia, a telenovela se mostra como uma vertente da ficcionalidade importante para o estudo do contexto histórico na qual ela está inserida.

**Palavras-chave:** Ditadura militar; telenovela, Janete Clair, Rede Globo; Fonte Histórica

Este trabalho visa um estudo aprofundado de duas telenovelas escritas por Janete Clair: *Irmãos Coragem* (1970-1971) e *Fogo sobre terra* (1974-1975), ambas veiculadas pela Rede Globo de Televisão em seu horário nobre, às 20 horas. É importante ressaltar que outras tramas foram escritas pela mesma autora durante o recorte temporal desta pesquisa de 1970 a 1975, porém aquelas citadas foram escolhidas por apresentarem uma temática política mais explícita, visto que é este o foco principal do trabalho ora proposto.

Criada em 1965 no Rio de Janeiro, a Rede Globo de Televisão passa a se consolidar como emissora de maior audiência no país a partir do final da década de 1960,

---

1 Trabalho apresentado no GT de Historiografia da Mídia integrante do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013.  
2 Possui graduação em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2011). Cursa mestrado em História e Culturas Políticas pela mesma instituição desde 2012. Atua principalmente nas áreas: televisão, teledramaturgia, censura e ditadura militar.

desbancando a TV Tupi. Esse crescimento se dá principalmente pelo investimento da empresa em dois setores: o jornalismo e a teledramaturgia.

No período compreendido entre 1965 e 1969 as tramas exibidas pela Globo mantinham o padrão dos primórdios da telenovela, mostrando heróis de capa e espada lutando pelo amor da heroína, em tramas geralmente ambientadas em países distantes, muitas vezes adaptações de originais vindos de países latino-americanos ou de clássicos da literatura mundial. Esse cenário muda, na Rede Globo, em 1969 com a estreia de *Véu de Noiva* de Janete Clair.<sup>3</sup> A ascensão da autora e a contratação de seu marido, o dramaturgo Dias Gomes, membro do Partido Comunista Brasileiro, mostram a intensão da emissora em voltar a teledramaturgia para uma temática brasileira através de uma linguagem tida como realista (KORNIS, Mônica, 2011).

É importante percebermos que tanto *Irmãos Coragem* quanto *Fogo Sobre terra* estão compreendidas dentro do contexto da Ditadura Militar brasileira. Entretanto, é necessário entender que cada uma é exibida em momentos políticos e econômicos distintos no regime.

Em 1964, após um golpe de estado que depôs o presidente João Goulart, é instaurado no Brasil um governo autoritário que se conservaria no governo federal até 1985. A tomada do poder se deu pelas Forças Armadas, entretanto, com apoio da sociedade civil, principalmente daqueles que viam negativamente as “Reformas de Base”, pretendidas pelo Presidente da República deposto.

O período compreendido entre 1964 e 1968 é de profunda crise econômica no país. Desde antes do golpe os altos índices inflacionários e o aumento da dívida externa, herdados, sobretudo do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), solapavam a economia.

---

<sup>3</sup> É importante frisar que foi com Beto Rockfeller - trama de 1968, escrita por Bráulio Pedroso e veiculada pela TV Tupi – que a linguagem e os cenários da telenovela se aproximaram do que se diz ser uma “crônica do cotidiano” (HAMBURGER, 2004)

A partir da posse de Delfim Netto como ministro da fazenda brasileiro, tem-se início o movimento que se convencionou chamar de “milagre econômico”. Entre os anos de 1969 e 1973, o país viveu um intenso crescimento econômico caracterizado pela sensível diminuição dos índices inflacionários, aumento do PIB e do poder de compra, sobretudo das classes médias urbanas. É também dentro desse contexto que são planejadas a construção de obras de grande porte, como a Hidroelétrica de Itaipu, a Ponte Rio-Niterói e a rodovia Transamazônica.

Esse período de prosperidade econômica, entretanto, também é marcado por uma intensa repressão política. O Ato Institucional número 5, instaurado em 13 de dezembro de 1968, previa, dentre outros pontos, a suspensão e cassação de direitos políticos, o direito do Presidente da República de decretar o recesso do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas e das Câmaras de Vereadores e a suspensão da garantia do *habeas corpus*<sup>4</sup>. A partir daí intensificam-se as prisões e assassinatos de opositores ao regime, ao mesmo tempo em que parte da esquerda se arma e inicia lutas no campo e nas cidades.

O clima de euforia econômica, no entanto, dura pouco. As taxas de exportação e crescimento da economia continuavam a elevar-se no início do governo do general Ernesto Geisel (1974-1979). O país, entretanto, seria seriamente atingido pelo choque de preços da OPEP em 1974, visto que havia 80% de dependência do petróleo internacional (SKIDMORE, 1988). Uma profunda recessão estava a caminho.

No campo político, denúncias sobre a repressão do regime se intensificam. Organismos como a Anistia Internacional e países como os Estados Unidos, outrora apoiador do Golpe de 1964, passam a pressionar o governo brasileiro a se explicar sobre torturas, perseguição e assassinatos cometidos contra opositores. Geisel assume o poder

---

<sup>4</sup> Disponível em:

[http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=5&tipo\\_norma=AIT&data=19681213&link=s](http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=5&tipo_norma=AIT&data=19681213&link=s)

prometendo uma abertura “lenta, gradual e segura” (GASPARI, 2003).

### **Janete Clair, a Telenovela e a política**

Muito se tem escrito sobre a abordagem política nas obras teledramatúrgicas de autores como Oduvaldo Vianna Filho e Dias Gomes, dentre outros membros do PCB contratados pela Rede Globo de Televisão durante a década de 1970. Entretanto, pouco se diz sobre como esses temas são tratados por Janete Clair.

Embora esposa de Dias Gomes, a telenovelistas não era filiada a nenhum partido político nem se prendia a ideologias. Isso pode ser percebido na entrevista dada por ela à Revista Amiga de 23/12/1981. Ao ser questionada pelo repórter se se considerava uma pessoa política, a autora diz:

*“Não, não! Não sou política de tomar partido, de ser isso ou aquilo, socialista ou conservadora. (...) Não sou política mas não sou também nenhuma alienada. Estou vivendo numa época conturbada, da mais difíceis (...)”*. (Revista Amiga, 1981, pp.)

Na mesma publicação, ao ser perguntada se ser taxada como novelista “água-com-açúcar” e o marido considerado o grande escritor, Jante retruca:

*“Grande escritor ele é mesmo, ninguém está mentindo. Que sou água com açúcar acho bastante injusto, porque, ao contrário, tenho abordado temas bem arrojados em minhas novelas (...)”*. (Revista Amiga, 1981, pp.)

Essa visão de que Janete Clair escrevia novelas sentimentais enquanto seu marido

tratava de temas políticos faz parte do senso comum até os dias de hoje. Entretanto, o que se pode perceber através da leitura das sinopses de *Irmãos Coragem* e *Fogo sobre Terras* é que em ambas há o tratamento de questões de cunho político, em meio a romances melosos. Em nenhum dos casos, é verdade, as tramas políticas são o mote principal das telenovelas. Entretanto, faziam parte do enredo e eram percebidas pelo público, pela crítica especializada e pela censura.

Tratando especificamente das telenovelas abordadas por essa pesquisa, começaremos analisando *Irmãos Coragem*. No capítulo 12 da trama, o garimpeiro João Coragem encontra um grande diamante. Todos cobiçam a pedra, principalmente o coronel Pedro Barros, chefe político da região. É ele que faz a mediação, na cidade de Coroadó, entre a polícia e a política. Também atua nas relações entre os camponeses e o mundo exterior, muitas vezes sendo o grande elo entre eles. O coronel é amado e ao mesmo tempo odiado em sua região de atuação.

É contra essa expressiva figura política que se dá a luta dos irmãos Coragem, principalmente João e Jerônimo, também garimpeiro. Pedro Barros é o grande vilão da história. Para combatê-lo, João inicia uma espécie de luta armada, angariando a simpatia e o apoio de muitos camponeses e garimpeiros da região. Por outro lado, Jerônimo torna-se um político de expressão em Coroadó, elegendo-se prefeito da cidade, outrora liderada exclusivamente pelo coronel e seus correligionários.

A eleição da ficção também causa um grande impacto no público. Segundo o pesquisador Nilson Xavier, em *Almanaque da Telenovela Brasileira*, a oposição ao Regime Militar lançou, durante as eleições para senador e vareador em 1970, uma intensa campanha pelo voto nulo. Houve uma expressiva votação em Jerônimo Coragem.

Segundo Marcelo Ridenti,

“O termo esquerda é usado para designar forças políticas críticas da ordem social capitalista estabelecida, identificada com as lutas dos trabalhadores pela transformação social”,  
(RIDENTI, 2004, pp. 18)

Segundo essa conceituação, portanto, podemos caracterizar João e Jerônimo Coragem e ainda Pedro Azulão, personagem principal de *Fogo Sobre Terra*, como personagens esquerdistas.

Claramente, pode-se perceber na trajetória de João e Jerônimo Coragem uma metáfora em relação à situação do Brasil à época. Como já foi dito, a partir da publicação do AI-5, em dezembro de 1968, intensificam-se as lutas contra a ditadura em vigor no país. É notório que havia grupos de resistência armada que promoviam focos de guerrilha no campo e nas cidades. Por outro lado, grupos, especialmente os ligados à Igreja Católica e ao PCB, optam por uma oposição institucional. Esse período, compreendido entre os anos de 1969 e 1975, recorte temporal dessa pesquisa, muitas vezes é chamado de *Anos de Chumbo* devido à radicalização tanto do próprio regime militar quanto das esquerdas brasileiras.

*Irmãos Coragem* foi um grande sucesso de público e crítica entre os anos de 1970 e 1971, em meio a um clima de euforia econômica. Homens e mulheres de diversas classes sociais se preocupavam o destino que teriam João, Jerônimo e Duda Coragem ao longo de 328 capítulos. A imprensa saudava Janete Clair como a grande autora do gênero no Brasil. Mesmo com a temática política, a censura federal não atuou de forma intensa na trama.

O mesmo, porém, não pode ser dito a respeito de *Fogo sobre Terra* (1974-1975). A telenovela se baseava em uma sinopse proibida pela censura em 1973, intitulada *Cidade*

*Vazia* que foi, após algumas alterações, liberada para ir ao ar no ano seguinte. Já no seu início, a obra voltou a apresentar problemas com as autoridades. Cerca de doze capítulos já escritos e gravados tiveram que ser rasgados e refeitos. A grande questão que incomodava o governo era o fato de o herói da telenovela, Pedro Azulão, ser contra a construção da usina hidroelétrica que destruiria a cidade de Divinópolis. O personagem era considerado subversivo, já que a trama seria, na opinião da censura federal, uma crítica ao desenvolvimento nacional, principalmente à construção da usina de Itaipu. Pedro Azulão representa a parte da população que contesta o progresso, já que esse geraria a destruição da sua cidade. É exatamente a busca de uma comunidade inspirada no passado para moldar um futuro alternativo à modernidade capitalista que caracteriza o romantismo revolucionário que podemos perceber no personagem.

Janete Clair, em entrevista disponível no livro *Almanaque da TV Globo* reclama:

*“Não tem sido fácil escrever Fogo Sobre Terra. Por vezes o telespectador deve ter achado um capítulo sem nexo, truncado, e deve ter imaginado que eu enlouqueci. Não é fácil dizer a verdade. E, às vezes, ela vai mutilada por mil injunções”.* (MAIOR, 2006, pp.)

A crítica, entretanto, não poupou a trama. A edição 319 da Revista *Veja* trazia uma reportagem comparando a telenovela de Janete Clair a *Ídolo de Pano*, trama no ar pela TV Tupi, a grande concorrente da Rede Globo na época.

*“Deste original de Janete Clair dirigido por Walter Avancini o mínimo que se pode dizer é que dispensa, para análise, qualquer abordagem crítica dentro dos padrões conhecidos. Pois certamente soaria falso falar de ‘criatividade’, de*

*‘estrutura da emergente linguagem brasileira de televisão’  
quando, no vídeo, nos é mostrado apenas um amontoado de  
situações exploradas e esgotadas (...).’ (Veja 1974, pp.).*

Evidentemente, não cabe aqui julgarmos a qualidade técnica e artística da obra. Porém, pode-se perceber que a censura federal influenciou na recepção da obra pelo público.

### **Debate teórico-metodológico sobre as relações entre História, Televisão e Teledramaturgia**

Uma das poucas autoras a fazer debate metodológico acerca da temática “televisão e história” no Brasil é Mônica Kornis. No livro *Cinema, televisão e História* e no artigo *Televisão, História e sociedade: trajetórias de pesquisa*, ao tratar especificamente da imagem filmada, a autora acredita que os filmes e os programas de TV adquiriram o estatuto de fontes para entendermos os comportamentos, valores, visões de mundo, ideologias e momento histórico. No caso da televisão ela ainda firma-se como um meio de narração do nosso tempo, não só no telejornalismo, mas também na teleficção.

Em termos mais específicos, Mônica Kornis apresenta a ideia de que a produção da Rede Globo de Televisão tenta, através de sua programação e principalmente de suas telenovelas, construir um discurso nacional. Nas séries televisivas são tratados e discutidos temas como os hábitos e costumes de diversas regiões do Brasil, os problemas e dilemas contemporâneos, além de aspectos da História do país. Estas abordagens, contavam, durante a década de 1970, com o apoio tanto dos militares que objetivavam a integração nacional, quanto de setores da esquerda que viam alguns aspectos da realidade brasileira atingirem um público numeroso e heterogêneo.

Outra discussão alça as produções audiovisuais como fonte para o historiador. A partir



desse novo preceito metodológico trazido pela Nova História, elas se mostram fonte preciosa para pesquisa, uma vez que trazem em si uma série de articulações que perpassam o imaginário coletivo de uma sociedade, as relações entre esta e a História e o modo de fazer audiovisual.

Segundo Marc Ferro, apesar de não constar no repertório documental do historiador, o filme serve como análise de sociedades, de seu constituinte imaginário. Para ele, o seu poder como documento estaria no fato de que o mesmo acabaria revelando o que não disse de imediato, desde que o historiador fizesse o seu trabalho, descobrindo o não visível, a contra análise da sociedade que produziu a obra. Para tanto, o historiador não deve enxergar o filme como uma obra de arte de seus realizadores e da sociedade, tampouco se render a uma análise semiótica, esteticista ou que se atenha à História do Cinema. Para Ferro, o historiador deve sim buscar descobrir as relações que se formam entre o filme e a sociedade, o Estado, o consumo, a audiência, o financiamento, o contexto. Mesclar duas análises, a que engloba o filme – tema, planos, montagem, documentos nos quais se baseia, trilha sonora, figurino, etc. – e o que não é o filme – a sociedade da época, o público, o regime político, dentre outros. Deve-se ressaltar que, embora Ferro trate da Produção Cinematográfica, podemos transpor suas ideias para o fazer televisivo.

Na obra *O Brasil antenado: a sociedade da telenovela*, Esther Hamburger traça um importante panorama sobre a cultura televisiva brasileira. A autora afirma que o hábito de assistir a telenovelas faz parte da rotina dos telespectadores, que já têm uma noção do desenrolar das tramas e, portanto, daquilo que vão encontrar na televisão. As obras integram-se ao cotidiano da população, uma vez que seus capítulos são comentados no âmbito da família e do ambiente de trabalho, além do fato de a maioria dos telespectadores acompanharem, através da imprensa especializada, o desenrolar das

tramas.

A autora concorda com Mônica Kornis no fato de que as telenovelas brasileiras possuem um público bastante heterogêneo. Na década de 1970, recorte temporal dessa pesquisa, 22,8% dos domicílios brasileiros possuíam aparelhos de televisão. O número pode, num primeiro momento, parecer pequeno, mas é mais que o dobro do apresentado na década anterior. Esse aumento se deve ao já referido milagre econômico brasileiro que impulsionou a venda de aparelhos televisores no país, pois ampliou o mercado consumidor, principalmente nas grandes cidades, devido ao intenso processo de urbanização do Brasil. Esse processo tornou o fazer televisivo um trabalho lucrativo para as grandes emissoras.

Apesar de a teledramaturgia ser um produto inicialmente direcionado às mulheres, já na mesma década estimava-se que do público total, 40% eram homens. É importante percebermos que o marco inicial deste fenômeno é a obra *Irmãos Coragem*, que por sua trama com elementos que lembravam o gênero western, atraiu a audiência masculina.

Diante dessa heterogeneidade de público, as telenovelas tendem a apresentar personagens de todas as classes sociais. Sendo assim, a emissora de televisão deve conhecer a fundo o perfil de seu público, já que, para atrair audiência, as telenovelas devem respeitar valores éticos e morais da sociedade.

Sobre a temática política presente nas telenovelas, Esther Hamburger constata que roteiristas teledramatúrgicos podem utilizar desse gênero de comunicação de massa para expor suas questões ideológicas, visando à transformação da sociedade. No entanto, o que se vê no Brasil é que essas obras são meramente estruturais, não tendo nenhum caráter transformador. Na verdade, muitas vezes elas são vistas como alienantes e legitimadoras de uma ordem social injusta, conceito esse muito propagado durante a década de 1970.

Por serem uma criação e um veículo de comunicação, as telenovelas expressam as questões e valores da época em que foram feitas e, ao mesmo tempo, colaboram para a construção de uma representação histórica, além de, em muitos casos, apresentarem importantes debates sociais e políticos. Dessa forma, é preciso se desvencilhar dos preconceitos em relação a essas obras e encará-las como importantes Fontes Históricas.

## **BIBLIOGRAFIA E FONTES**

### **Periódicos:**

- Revista Amiga  
Edição 27 (24/11/1970); Edição 52 (18/05/1971); Edição 62 (27/07/1971);  
Edição 212 (11/06/1974); Edição 218 (23/07/1974); Edição 219 (30/07/1974);  
Edição 226 (18/09/1974); Edição 235 (20/11/1974); Edição 239 (18/12/1974)  
Edição 240 (25/12/1974); Edição 243 (15/01/1975); Edição 605 (23/12/1981);  
Edição especial 25 anos 1336 (12/12/1995)
- Revista Cartaz  
Edição 37 (26/10/1972); Edição 82 (julho 1973)
- Revista Fatos e Fotos  
Edição 666 (27/05/1974)
- Revista Ilusão  
Edição 204 (31/01/1975)
- Revista Melodias  
Edição Especial Irmãos Coragem (1970)
- Revista Sétimo Céu:  
Edição especial Irmãos Coragem (1970); Edição 182 (05/05/1971); Edição 186  
(05/06/1971); Edição 187 (12/06/1971)
- Revista Veja  
Edição 101 (12/08/1970); Edição 103 (26/8/1970); Edição 109 (7/10/1970);  
Edição 123 (13/01/1971); Edição 125 (27/01/1971); Edição 127 (10/02/1971);  
Edição 133 (24/03/1971), Edição 207 (23/08/1972); Edição 229 (24/01/1973);  
Edição 232 (14/02/1973); Edição 267 (15/05/1974); Edição 308 (31/07/1974);  
Edição 319 (16/10/1974); Edição 342 (26/03/1975); Edição 328 (31/12/1975)

**Telenovelas:**

- Irmãos Coragem (Rede Globo, 1970-1971, 328 capítulos).

- Fogo Sobre Terra (Rede Globo, 1974-1975, 209 capítulos).

#### DVD:

- Irmãos Coragem (Globo Marcas, 27h41min, 2011).

#### Sites:

- [www.memoriaglobo.globo.com](http://www.memoriaglobo.globo.com)
- [www.teledramaturgia.com.br](http://www.teledramaturgia.com.br)
- [www.youtube.com.br](http://www.youtube.com.br)

### Bibliografia

#### Artigos, capítulos e comunicações:

CAVELL, Stanley. *The fact of television*. Daedalus, Vol. 111, No. 4, Print Culture and Video Culture (Fall, 1982), pp. 75-96

KORNIS, Mônica Almeida. *Televisão, história e sociedade: trajetórias de pesquisa*. Rio de Janeiro:

CPDOC, 2007.

\_\_\_\_\_. *Ficção televisiva e identidade nacional: o caso da Rede Globo*. In: *História e cinema*. São Paulo, 2011 2ª edição.

LE GOFF, Jacques. *Documento/Monumento*, in: *Enciclopédia Einaudi*. Porto, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984, vol. I: Memória e História.

PORTO, Mauro P. [\*Making sense of politics: TV news and the interpretation of politics in Brazil\*](#), trabalho apresentado à XXII Conferência Internacional da Latin American Studies Association (LASA), Miami, Estados Unidos, 16 a 18 de março de 2000.

\_\_\_\_\_. [\*Political controversies in Brazilian TV fiction: Viewer's interpretations of the telenovela Terra Nostra\*](#), *Television and New Media*, Vol. 6, n. 4, 2005, pp. 342-359.

XAVIER, Ismail. *Melodrama ou a sedução da moral negociada*. Novos Estudos. CEABRAP, nº57, Julho de 2000 pp. 81-90.

SCHWARCZ, Lila Motiritz (org). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia das letras, 1997.

SORLIN, Pierre. *Indispensáveis, enganosas, as imagens, testemunhas da História*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.7, nº. 13, p.81-95, 1994.

### **Livros:**

ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; KORNIS, Mônica Almeida. *Mídia e política no Brasil: jornalismo e ficção*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

ARAUJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão; seguido de, A influencia do jornalismo; e, Os jogos olímpicos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

CAMPADELLI, Samira Youssef. *A telenovela*. São Paulo: Ática, 1985.

ECO, Humberto. *Apocalípticos e integrados* São Paulo : Perspectiva, 1970.

FERNANDES, Ismael. *Memoria da telenovela brasileira*. 4ª edição ampliada e revista. São Paulo: Brasiliense, 1997.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano- o tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Mauro. *Nossa senhora das oito – Janete Clair e a evolução da telenovela no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FERRO, Marc. *O filme: uma contra análise da sociedade?* In: LE GOFF, Jacques;

NORA, Pierre (orgs.). *História: novos objetos*. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p.199-215.

FILHO, Daniel. *Antes que me esqueçam*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988

GASPARI, Elio; HOLLANDA, Holoisa Buarque de; VENTURA Zuenir *70/80 Cultura em trânsito – da repressão à abertura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

GASPARI, Elio. *As ilusões armadas - A ditadura encurralada*. São Paulo, Companhia Das Letras, 2002

HAMBURGER, Esther. *O Brasil antenado: a sociedade da novela*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HELBO, André (org.). *Semiologia da Representação*. São Paulo: Editora Cultrix. 1975.

KORNIS, Mônica Almeida. *Cinema, televisão e história*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus, 2002.

MAIOR, Marcel Souto. *Almanaque da TV Globo*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006

MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). *Culturas políticas na história: novos estudos* Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, dos CPCs à era da TV*.

SCHWARCZ, Lila Motiritz (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia das letras, 1997.

SKIDMORE, Thomas *Brasil: de Castelo a Tancredo*. São Paulo: Paz e Terra, 1988

SORLIN, Pierre. *Indispensáveis, enganosas, as imagens, testemunhas da História*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.7, nº.13, p.81-95, 1994.

TÁVOLA, Artur da. *A telenovela brasileira – História, análise, conteúdo*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1996.

XEXÉU, Artur. *Janete Clair*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

XAVIER, Nilson. *Almanaque da telenovela brasileira*. São Paulo: Panda Books, 2007.